

EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E CONTEMPORANEIDADE: A PATOLOGIA QUE TEM SOFRIDO A POLÍTICA

EMANCIPATION, FREEDOM AND CONTEMPORANEITY: THE PATHOLOGY THAT POLITIC HAS SUFFERED

Paula Rufino Alves Medina Lopes¹
Manuel Rodrigues De Sousa Junior²

Sumário: Introdução. 1 Os incômodos de uma liberdade corrompida. 2. Aprofundando o Problema. 3. Um Novo Horizonte. Conclusão. Referências.

Resumo: O presente artigo é fruto dos problemas que a política tem sofrido na sociedade contemporânea. Percorrendo, de forma crítica, o caminho trilhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman e conectando-o a observações feitas por Hanna Arendt, verificou-se como a liberdade individual separada de sua noção do coletivo tem afetado toda a conjuntura social atual. Diante dessa liberdade corrompida e uma crise de valores a pessoa vê-se como ser isolado e único no mundo sem perspectiva ou engajamento para mudança. O espaço público, que podia ser visto como local de profundas transformações, tornou-se o 'psicólogo das questões privadas', restando à opinião pública a chancela de escolhas dos que se submetem a ela. Diante de um cenário de instabilidade, insegurança e falta de garantia, os governantes respondem com mais falta de perspectiva ou de mudanças, sendo constantemente influenciados pelo mercado econômico, que é posto como crivo determinante para as questões, para o sociólogo polonês. Tendo como prospecção o bem comum, a renda básica e a universalização, Bauman vê na solidariedade a solução para pandemia política atual.

Palavras-chave: Bauman. Liberdade individual. Política.

Abstract: This article is the result of the problems that the politic has been facing in contemporary society. Through a critical point of view of Zygmunt Bauman, a sociologist, and connecting the observations made by Hanna Arendt, it is verified how the concept of individual freedom separated from the collective notion has affected all the current social situation. Considering this corrupted freedom and a crisis of values, the person sees himself as isolated and unique in the world without a perspective or a commitment to change. The public place, which could be a place of profound transformations, became the 'psychologist in private matters' leaving the public the choices of those who undergo it. Facing a scenario of instability, insecurity and lack of guarantee, governments respond with more lack of perspective or changes, constantly being influenced by an economic market, which is the key to the riddle questions to the Polish sociologist. In order to achieve the common good, basic income and the universality, Bauman's solidarity sees its solution in the current political pandemic.

Keywords: Bauman. Individual freedom. Politic.

Considerações iniciais

Era uma vez um pescador que vivia em um casebre muito pobre com sua mulher. Todas as manhãs ele saía para pescar o sustento diário, até que um dia pescou um enorme linguado enfeitado que, suplicando por sua vida, disse que daria ao pescador qualquer coisa. O pescador soltou o peixe e foi para casa contar a história para sua esposa. Imediatamente, ela mandou o pescador voltar e pedir uma casa melhor; assim ele o fez e assim o peixe o concedeu. Só que a mulher, depois de um tempo, não se contentava mais com a casa: queria um palácio e novamente fez o pedido para o marido, que foi cobrar do linguado a realização do desejo de sua amada. Quando conseguiu o palácio, a mulher queria agora ser imperatriz e, depois do mesmo processo, também não se contentou em ser imperatriz: agora queria ser Deus. Quando o pescador fez tal pedido ao linguado, ele retirou tudo deles, que voltaram a morar num casebre bem pobre.

¹ Mestranda em Direito Constitucional pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro/UFRJ. Advogada. Graduada em Direito pela Faculdade Federal Fluminense.

² Mestrando em Teorias Jurídicas Contemporâneas pela Faculdade Nacional de Direito/UFRJ. Pós-graduado em Direito da Administração Pública pela UNISUL e possui o LLM em Direito Empresarial pela FGV. Pesquisador e Servidor Público Federal.

Essa fábula alemã, conhecida como “a mulher do pescador”³ evidencia o velho provérbio, “quem tudo quer, tudo perde”, e é assim que Zygmund Bauman⁴ coloca como pano de fundo do seu livro “A busca pela política” a liberdade individual usada de forma a somente satisfazer aos desejos materiais do homem, desequilibrando toda unidade que corresponde ao tecido coletivo da sociedade. De fato, o conceito de política, propriamente dito, não será definido pelo autor, porém ele trabalha através de excelentes *insights* mostrando como essa liberdade tem se manifestado de forma superficial, além de destoar a forma como a divisão entre público e privado tem se tornado cada vez mais nebulosa, a ponto de o cidadão,⁵ que se tornou apático politicamente, acomodar-se no “credo” dos governos liberais, cujas respostas diante de cenários de crise se resumem em não haver alternativas.

Essa pessoa passiva, observada por Bauman, se vê também diante de uma profunda crise existencial, pois na escassez de valores da qual falece a contemporaneidade, se perde ao tentar se apoiar em algo para sustentar a sua rotina diária. O corpo ou a busca por uma boa forma, torna-se sua fonte de medição, é o lugar em que se pode ver em ação, pois pode medir a cintura, sendo tutelado pelos quilos reminiscentes pesados na balança, mas sendo o local que através de uma compartimentalização material resultante de uma necessidade constante de se adquirir a figura ideal, sua única possibilidade de exercer um protagonismo de sua existência, onde tudo perpassa instabilidade, falta de garantia e insegurança.

O indivíduo⁶ é desestimulado e se sente impotente, se vê sozinho, sem perspectiva, que é aprofundado por políticos que não estimulam qualquer horizonte de mudança.

Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmado-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O 'público' é colonizado pelo 'privado'; o 'interesse público' é reduzido a curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e as confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor).⁷

Mas essa política atual preluza uma relação entre três segmentos: cidadão, liberdade e Estado. Como seria impossível em um só artigo analisar cada um deles, viu-se na perspectiva da Hanna Arendt⁸ uma conexão de ideias que se compatibilizam com o argumento central da referência que: a liberdade individual pode ser exercida em conjunto com uma companhia, de uma forma coletiva. Diante disso, se verificará as ligações entre a argumentação de Bauman e de Arendt, já que essa autora, apesar dos contextos diferentes, é mencionada em diversos pontos do “em busca pela política”.

Aqui não se trata apenas de uma resenha da obra do autor polonês, mas de percorrer o caminho que o mesmo fez na tentativa de se vislumbrar as agruras que tem sofrido a política. Sem querer impor uma pergunta a esse trabalho, mas reconhecendo a existência dela em toda sua extensão, essa seria: quais seriam as patologias que tem sofrido o cidadão no contexto político da sociedade contemporânea? E essa pergunta conectará todos os itens desse trabalho, que até mesmo, na perspectiva de Bauman, irá propor soluções para esses problemas reconhecidos. Porém, apesar de o autor ser utilizado como marco teórico, se aplicará um viés crítico de sua obra, já que se constatou uma série de repetidas argumentações, de teor panfletário,

³ PHILIP, Neil. **Volta ao mundo em 52 histórias**. Trad. Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. p. 80-83.

⁴ Zygmund Bauman, nasceu em 19 de novembro de 1925, sociólogo polonês de família de judeus não praticantes, se alistou no exército vermelho onde teve o primeiro contato com os livros de Marx. Durante seus anos de serviço começou a estudar sociologia na Universidade de Varsóvia, porém se desiluiu com a experiência da União Soviética e se desligou do partido, apesar de ainda hoje se dizer socialista. Em 1968 foi expulso da Polônia devido à perseguição antisemita. Na Grã-Bretanha, em 1971, tornou-se professor da Universidade de Leeds, permanecendo ali por 20 anos. As obras de Bauman compreendem 57 livros mais de 100 ensaios. Maiores informações: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bauman.htm>. Acesso em: 24/08/2015.

⁵ Bauman faz uma diferenciação entre cidadão e indivíduo, enquanto que o primeiro busca o bem comum e a boa sociedade, o indivíduo tende a ser derrotista, incrédulo quanto a esses valores.

⁶ “A apresentação dos membros da sociedade como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi uma peça de um ato: é uma atividade reençada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de “individualização”, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada “sociedade”. BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 43.

⁷ BAUMAN, Zygmund. *Ibidem*. p. 51.

⁸ Nascida em 14 de outubro de 1906, em Hannover, na Alemanha, em uma família judia de classe média, Hanna Arendt vai carregar para o seu pensamento muitas das experiências e dos sentimentos por ela vivenciados no decorrer de sua história de vida. Tendo sofrido muito com o esforço intelectual por ela empreendido no sentido de compreender o advento desta anomalia política. Colocando-se na posição de um ser humano comum, que se espanta e sofre diante da degradação e artificialismo das condições de vida humana, Hanna Arendt passa a refletir e a interpretar os fenômenos políticos de sua época. Morreu em 4 de dezembro de 1975, aos 69 anos de idade. <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/arendt.htm>. Acesso em: 20/08/2015.

indicando a posição socialista política do autor, colocando como inimigo comum as agruras do mercado financeiro e ódio pelo capital.

Apesar da avaliação acima, os fins propugnados pelo autor quando dizem respeito a solidariedade parece um caminho adequado, principalmente quando há essa crise existencial, no qual há necessidade de um relacionamento entre homens entrar em cena. No entanto, a utilização de meios concretos como tal defende a respeito da universalização, renda básica e bem comum devem ser mais bem debatidos para um melhor entendimento. Nada mais resta a se dizer, a não ser ir a fundo ponto por ponto desse estudo.

1 Os incômodos de uma liberdade corrompida

A liberdade é elemento fundamental que trabalha a política, porém essa, na atualidade, é já auferida, já conquistada, pode-se dizer que a liberdade é um item já 'velho' diante da rapidez do mundo globalizado. Porém, essa liberdade poderia estar corrompida, como receio de muitos filósofos, devido ao desejo das próprias pessoas de não quererem usufruir da mesma pelo medo da consequência de seus atos.⁹ No entanto, o viés político que Bauman aplica não é no enxugamento dessa liberdade individual, e sim na má expansão dela, ao passo que ocorre ao mesmo tempo um aumento do enfraquecimento coletivo. Uma dessas manifestações ocorre de um amálgama entre a vida pública e privada, onde o privado infiltra o público. O que, então, acarretaria esse mafuá entre a vida pública e privada? As únicas questões levadas ao público são medos, diante de um inimigo em comum, e ansiedades pessoais, que só são conhecidas como públicas porque estão ao julgo do público, como o autor dá exemplo de *talk shows*.

Para Arendt, na modernidade, liberdade é a resposta da política, não a liberdade individualista imaginada pelos teóricos do liberalismo, mas a exercida no plano político “entendida negativamente como o não ser dominado e o não dominar, e positivamente como um espaço que só pode ser produzido por muitos, onde cada qual se move entre iguais”.¹⁰

A autora constata que a política, em razão do momento em que escrevia, perdeu a sua autonomia ao assumir o gerenciamento de uma sociedade voltada exclusivamente para o trabalho e para o desenvolvimento econômico, tendo o Estado moderno a finalidade de garantir o livre desenvolvimento, por meio do monopólio do poder político e da força física. Nesta sociedade moderna ocorre o alargamento do tecido social e a ausência de ligações políticas entre os homens, vinculando a política ao uso da violência e subjugando o homem ao poder político. Arendt defende que somente ao participar do espaço político o homem se distingue dos demais e passa a controlar seu próprio destino, pois o espaço público é o espaço existente entre os homens e a coletividade.

Mas o que poderíamos nos unir e fomentar de novo nessa integração coletiva? Segundo Bauman, seria a sociabilidade. O problema é que esta tem sido manifestada de forma flutuante, quando há grandes eventos, seja para celebrar alguma coisa ou para odiar alguém. E a emoção que acarretaria esse sentimento fugaz terminaria da mesma forma que começou, de forma repentina, de modo que a vida cotidiana continua a acontecer de forma inalterada. Segundo o autor, a chance para mudar isso depende da *ágora*,¹¹ que ele define como: “espaço nem privado e nem público, porém mais precisamente público e privado ao mesmo tempo. Espaço onde os problemas particulares se encontram de modo significativo – isto é, não apenas para extrair prazeres narcísicos ou buscar alguma terapia através da exibição pública, mas para procurar coletivamente alavancas controladas e poderosas o bastante para tirar os indivíduos da miséria sofrida em particular; espaço em que as ideias podem nascer e tomar forma como “bem público”, “sociedade justa” ou “valores partilhados”.¹²

⁹ BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 27.

¹⁰ ARENDT, Hannah. **O que é política**. Trad Reinaldo Guarany. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 18.

¹¹ Bauman se utiliza do conceito grego de *ágora*, que remete a uma esfera intermediária, entre o público e privado. O autor também conceituará, segundo uma análise da Grécia Antiga, as esferas de comunicação, o *oikos*, ambiente doméstico e a *eclésia*, ambiente político, em referência ao privado e o público, respectivamente. A *ágora* manteria a comunicação entre aquelas duas esferas. Em suas palavras: “Sem a *ágora*, nem a *pólis* nem seus membros poderiam alcançar e muito menos preservar a liberdade de decidir o sentido do bem comum e o que se deveria fazer para atingi-lo.” BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 93.

¹² BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 11.

Correlacionando¹³ essa nova ágora, um amálgama entre público e privado, como outrora existente,¹⁴ o atual problema advém do liberalismo, esse sistema econômico incute a promoção do conformismo e acaba promovendo um ambiente de paralisia, pois propaga que a alternativa será pior do que a já existente. E a política que deveria incutir no cidadão o sentido de superação aos próprios limites fica perdida numa respectiva onda de medo e ceticismo. Questões de incertezas econômicas são vistas de forma corriqueira, mas não é somente desse aspecto que o autor trata, apesar de pontuar muito as agruras neoliberais a ponto de ser fatigante. Bauman tem um perspicaz *insight* sobre a crise de identidade da atualidade, em que uma multiplicidade de identidades é oferecida como roupa, de forma plástica, somente oferecendo imagens, distanciando-se de qualquer originalidade.¹⁵ A incerteza seria um instrumento utilizado pelo mercado, que agiria diante desse questionamento existencial que afeta todos os homens. O mercado que já tenta usar da instituição familiar para servi-lo, ao mesmo tempo, dissolve todos os laços de sociabilidade que consta na família, de forma a esfacelar qualquer tentativa de obrigação social gerada por aquela.¹⁶

Na visão de Arendt, a opinião da era moderna sobre a esfera pública está ligada à admiração pública e à recompensa monetária, que têm a mesma natureza e podem substituir uma à outra. A conexão entre o público e privado corre o risco de ser mal interpretada em razão do moderno equacionamento entre propriedade e riqueza, de um lado, e propriedade e pobreza, do outro. No início, a propriedade retratava somente o fato de que o indivíduo possuía seu lugar em determinada parte do mundo, pertencendo ao corpo político. Essa "posição" social, frente a um estrangeiro com riquezas, não substituíria, de modo algum essa propriedade. Já a pobreza não fazia com que o indivíduo perdesse seu lugar no mundo e a cidadania decorrente, pois somente quem viesse a perder sua "posição" é que perdia a sua cidadania e a proteção da lei.¹⁷

Bauman defende que a trama existencial do homem que tinha também a cultura já não se sustentaria, pois o tecido que unia as pessoas se vê mais esfacelado, não mais se esperando da cultura a fonte para se enfrentar essa insegurança existencial, deparando-se então o indivíduo como um ser sozinho. A nação e a família no passado projetavam a ideia da sua durabilidade, eram suportes que outorgavam ao indivíduo uma noção de continuidade, perpetuação além da existência, no entanto, essa visão já estaria mitigada, pois a primeira não seria mais observada como abrigo, de modo que as promessas dos políticos se tornaram mais um presságio de incerteza do que uma segurança para a pátria, e o segundo suporte decaiu devido à brevidade, cujo surgimento passou a ser tão instantâneo quanto ao seu desfazimento, a tal ponto de não dar a pessoa certeza de ser um alicerce suficiente para se sustentar e acompanhá-la toda a vida.¹⁸ Como não haveria estratégias para superar o problema existencial do homem, o recurso utilizado pelo cidadão é o preenchimento disso pela enxurrada de consumo de bens e curiosidades. A própria preocupação

¹³ Nota-se que aqui se fala em correlação, a fim de não fazer um anacronismo histórico, ou como a própria professora Ana Lucia Sabadell se refere "continuismo", que segundo a professora a partir de uma visão universalista, faz referência a certo instituto "seguindo um exemplo de continuidade do tempo (...)". Algo equivocado que fazem os juristas (apesar de o autor ser sociólogo, esse chamado de atenção não se descarta), pois segundo Sabadell: "As percepções e as reações sociais são tão diferentes que não podemos identificar um fenômeno jurídico unitário." A solução para esse problema seria: "respeitar o passado como forma de aceder, ainda que limitativamente, ao seu conhecimento." Para maiores aprofundamentos sobre o assunto: SABADELL, Ana Lucia. **Cadernos de Direito: Direito no Brasil: passado e presente**. Vol. 2, nº4, 2003, ISSN 1676-529-X. Reflexões sobre a metodologia na História do Direito. p. 26; 32.

¹⁴ Historicamente, é muito provável que o surgimento da cidade-estado e da esfera pública tenha ocorrido às custas da esfera privada da família e do lar. Contudo, a antiga santidade do lar, embora muito mais pronunciada na Grécia clássica que na Roma antiga, jamais foi inteiramente esquecida. (...) O que distinguia a esfera familiar era que nela os homens viviam juntos por serem a isso compelidos por suas necessidades e carências. (...) A esfera da pólis, ao contrário, era a esfera da liberdade, e se havia alguma relação entre essas esferas, era que a vitória sobre as necessidades da vida em família constituía a condição natural para a liberdade na pólis. A política, não podia, em circunstância alguma, ser apenas um meio de proteger a sociedade, uma sociedade de fiéis, como na Idade Média, ou uma sociedade de proprietários, como em Locke, ou uma sociedade inexoravelmente empenhada num processo de aquisição, como em Hobbes, ou uma sociedade de produtores, como em Marx, ou uma sociedade de empregados, como em nossa própria sociedade, ou uma sociedade de operários, como nos países socialistas ou comunistas. Em todos esses casos, é a liberdade da sociedade que requer e justifica a limitação da autoridade pública. A liberdade situa-se na esfera do social e a força e a violência tornam-se monopólio do governo. (...) A pólis diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer "iguais", ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 38-41.

¹⁵ "A imagem de uma identidade sempre perseguida e nunca alcançada; a imagem dos que buscam uma identidade agarrando-se, ansiosos, a pequenos sinais de auto-expressão publicamente reconhecíveis, apenas para serem engabelados/instados forçados pela desnorteante velocidade de sua desvalorização pública a abandoná-los e substituí-los (...)". BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 29.

¹⁶ *Ibidem*, p. 38.

¹⁷ ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2007. p. 70-72.

¹⁸ "Uma família projetada para durar tanto quanto (e não mais que) a satisfação de ambos os cônjuges dificilmente pode ser encarada seriamente como estratégia para sobrepujar o poder cruel e assustador da mortalidade pessoal". BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 48

com o corpo é algo palpável e identificável como bem de consumo, pois a extrema cautela pelo corpo e o culto pela beleza seriam partes pelo qual o homem poderia se preocupar.¹⁹

Utilizando-se de Freud,²⁰ Bauman usa os fenômenos de segurança, certeza e garantia, esses seriam conjunturas para a autoconfiança de que depende a predisposição de pensar e racionar, para condicionar esses três elementos à crise existencial. A insegurança estaria ligada à crise de identidade; a incerteza, seria uma razão e uma necessidade usada como justificativa para as forças livres de mercado, e a garantia instável, que outrora era respondida numa cultura, agora é apequenada pelo consumismo sufocante.

Quando Arendt aborda sobre o espaço político moderno, diz que esse administra e promove a liberdade na esfera social de livre autonomia individual, interligando economia e Estado de forma técnica, proporcionando a massificação da sociedade. Nesta, o governo cada vez mais se burocratiza, vindo a tornar-se o que ela chama de “governo de ninguém”,²¹ cuja característica é a profunda burocratização e despersonalização administrativa.

Apesar dessa correlação entre o autor polonês e a filósofa alemã, o mal-estar, segundo Bauman, provindo dessa insegurança partilhada na sociedade é terra fértil para o campo político que desvia toda questão existencial para preocupações generalizadas, guerra ao terror e/ou guerra ao estrangeiro. A dissuasão da atenção vira subterfúgio para os argumentos que tangenciam segurança coletiva, que se utiliza da segurança individual com fins eleitoreiros.²² Mas o autor não contextualiza as manobras políticas e sua tentativa extremamente generalista em relação à política, parece ficar muito no mundo das ideias e não dá uma profundidade empírica esperada de um sociólogo. Há, decerto, de modo indutivo, uma crise de valores e mal-estar permanente na sociedade contemporânea e sua observação disso é algo notório, porém tem como hipótese que campo econômico juntamente com campo político²³ estarem em conluio para se 'escravizar' os indivíduos numa sociedade materialista beira ao exagero. Não que não exista influências, pois não se pode ser ingênuo a esse ponto, mas não ter uma pesquisa mais profunda sobre isso parece figurar somente no campo das suposições.

Consta-se que, porém, que a fomentação de ver estrangeiro, muçulmano, o diferente, o outro como inimigo dificulta ainda mais os laços sociais. A falta da consciência de solidariedade e de amizade aprofundam esse abismo individual no qual se encontra o mundo contemporâneo.²⁴

2 Aprofundando o problema

Diante dessa liberdade corrompida, o que existe é uma individualidade privatizada, uma 'antiliberdade'. Os programas de *talk-shows* demonstram que o indivíduo, ao trazer para o público questões privadas, tais problemas que poderiam ser resolvidos por si próprio, asseveram uma constante necessidade de aceitação pública para a solução de problemas pessoais.²⁵

O impasse da liberdade balança todas as promessas do iluminismo – liberdade, igualdade e fraternidade – que parecem frágeis em razão dessa viga fundamental em que se figurava a onipotência humana. A dificuldade da sociedade pós-moderna se traduz numa falta de perspectiva para o futuro, pois não há qualquer fator que conecte a sociedade, já que é o indivíduo que deve, por seu esforço próprio, dar sentido a sua vida. Não há noção de comum, coletivo ou todo social, nada que conecte esse ser isolado com o resto.

A liberdade, anteriormente prometida do sec. XIX, era uma liberdade ativa, que só iria ser completamente realizada no meio comunitário, mas isso foi ofuscado pelas questões comunistas e fascistas

¹⁹ “Na sua forma pura e bruta, o medo existencial que nos torna ansiosos e preocupados é incontrolável, intratável e, portanto, incapacitante. A única maneira de suprimir essa verdade horripilante é dividir o grande medo esmagador em pedacinhos menores e controláveis (...) num conjunto de pequenas tarefas “práticas” que podemos esperar realizar”. Ibidem, p. 51.

²⁰ FREUD, Sigmund, 1930 *apud* BAUMAN, 2000, p. 24.

²¹ O governo de um só homem se transforma na sociedade massificada em uma espécie de governo de ninguém. Mas esse ninguém (suposto interesse único da sociedade) não deixa de governar por ter perdido a personalidade. Como verificamos pela burocracia, o governo de ninguém não significa necessariamente a ausência de governo; pode, de fato, em certas circunstâncias vir a ser uma das mais cruéis e tirânicas versões. ARENDT, Hannah. ob. cit., p. 51.

²² “(...) os governos não podem honestamente prometer aos cidadãos uma existência segura e um futuro garantido, mas podem, por ora, pelo menos eliminar parte da carga de ansiedade acumulada(...)”. Ibidem, p. 58

²³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a. p. 163.

²⁴ “Nossos sofrimentos dividem e isolam, nossas misérias nos separam, rasgando o delicado tecido das solidariedades humanas.” BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 61.

²⁵ “O público – reunião de outros indivíduos – só pode aplaudir ou apupar, elogiar ou condenar, admirar ou depreciar (...): jamais prometerá algo que o próprio indivíduo não possa obter por si mesmo, (...) jamais assumirá a responsabilidade no lugar do indivíduo.” Ibidem, p. 72.

em seu percalço, segundo o autor. Logo, não se vê mais essa ideia de liberdade ativa, mas uma liberdade negativa, o qual o campo legislativo deve interferir cada vez menos com suas regulações.

O autor mencionado questiona a tentativa de paralisação condicionante do poder público em razão dessa propagação da liberdade negativa, resultando dessa forma em uma desconstrução da política, cuja pressão do mercado tem o poder de deslocar a própria produção legislativa. Não que os operadores políticos deixem de atuar, mas tendenciosamente usam da desculpa da falta de alternativas, como única solução para seu julgamento se basear em diretrizes econômicas. E como é ofertada à população uma gama de desejos, que ela nem mesmo sabia que existia – como a célebre frase do Steven Jobs “muitas das vezes, as pessoas não sabem o que querem até mostrarmos a elas”²⁶ – esses indivíduos agem somente voltados para si mesmo, voltados para satisfação de seus desejos, deixando o problema político a par de suas vidas.

Bauman chama todo esse esfalecimento do ideal comunitário em “decomposição da comunidade” e sua consequência resulta no mero provar instantâneo de sensações que em nada acrescentam na vida do indivíduo e da sociedade.²⁷ Logo, a liberdade que antes foi perseguida, conquistada, agora existe só de forma falaciosa, e a política e a democracia que sempre deveriam ser vistas como um projeto a ser reconstruído, em rumo para a boa e melhor decisão é visto como uma prospecção fixa e velha sem precisar de nada diferente nem um engajamento novo.²⁸ Apesar de se pontuar muito sobre matéria existencial, o sociólogo polonês acredita que a solução dessa questão não está nos projetos dos filósofos, mais é uma questão intrinsecamente política.²⁹

Mas como se poderiam tornar novamente livres os indivíduos ou voltarem a ser cidadãos? Os indivíduos só podem ser livres em uma sociedade autônoma, e uma sociedade só pode ser livre se tiver indivíduos livres. Isso só ocorre através de um amálgama das esferas pública e privada, no qual a teoria política e democrática deve vislumbrar a interface dessas duas esferas em vez de se preocupar com a antiga perspectiva de separação. O papel da ágora seria determinante, pois teria como aspecto uma função intermediária entre o público e privado, que seria um lugar de tensão, mas também visaria a um diálogo e compromisso em que seus membros poderiam verificar a atuação de sua liberdade decisória, do mesmo modo que procurariam o bem comum.

As vicissitudes que espreitariam a ágora poderiam falhar se recaíssem em duas tendências, uma delas é o totalitarismo, aqui Bauman dialoga com Hanna Arendt que conceitua o totalitarismo como forma atroz que deceparia toda individualidade do cidadão, esse se saísse do que é conhecido como padrão, deveria ser apartado da sociedade.

Na visão de Arendt,³⁰ o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras, pois o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir. Para os governos despóticos e tirânicos, a imposição da igualdade de condições aos governados constituiu um dos seus principais alvos, mas para os totalitaristas essa equalização deixa ainda intactos certos laços não políticos entre os subjugados, tais como laços de família e de interesses culturais comuns, pois não admite a existência autônoma de qualquer atividade que seja. Segundo a autora,

Os movimentos totalitários, cada um ao seu modo, fizeram o possível para se livrarem de programas que especificassem um conteúdo concreto, herdados de estágios anteriores e não totalitários da sua evolução. Por mais radical que seja, todo objetivo político que não inclua o domínio mundial, todo programa político definido que trate de assuntos específicos em vez de referir-se a “questões ideológicas que serão importantes durante séculos” é um entrave para o totalitarismo.³¹

Esse regime não governa por meios externos, descobrindo um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente, eliminando a distância entre governantes e governados e estabelecendo uma situação na qual o poder e o desejo de poder, não representam papel algum ou têm um papel secundário.

²⁶ Tradução nossa, no original: “A lot of times, people don't know what they want until you show it to them.” Entrevista de Steve Jobs a Businessweek. Disponível em: <http://www.businessweek.com/1998/21/b3579165.htm>. Acesso em: 20/08/2015.

²⁷ “A consequente decomposição da comunidade encontra correlação na fragmentação da vida de cada uma das suas unidades constitutivas. O processo de vida de cada agente tende a fragmentar-se em uma série de episódios, cada um em princípio confinado e sustentado em si mesmo”. BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 83

²⁸ Nessa parte, Bauman se volta aos aspectos sociológicos no que deixem respeito a diferenciação entre autonomia e heteronomia, no qual essa última se faz em razão de as decisões já serem decididas anteriormente. A capacidade de escolha está reduzida a opções já pré-ordenadas por outros agentes, de forma que não há plena atuação de sua liberdade. *Ibidem*, p. 85.

²⁹ “Faz-se necessária uma reforma profunda da condição existencial. A chave da autonomia não está nas mãos dos filósofos. É sobretudo uma questão política.” *Ibidem*, p. 92.

³⁰ ARENDT, Hanna. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 268.

³¹ *Op cit.* p. 290.

Assegura não apenas um absoluto monopólio do poder, mas a certeza incomparável de que todas as ordens serão sempre obedecidas, possibilitando a completa independência do ditador em relação a todos os subordinados e possibilitando rápidas e surpreendentes mudanças de política.³²

Ao deter o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo, mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. Já para enfrentar o mundo externo, a propaganda é o instrumento mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário, tendo o terror como a própria essência da sua forma de governo.³³

O Estado é usado como fachada externa para representar o país perante o mundo não totalitário. Na devida escala, os governantes totalitários consideram os não totalitários da mesma forma como lidam com os partidos parlamentares ou as facções intrapartidárias antes de terem tomado o poder.³⁴

Para o totalitarismo, a liberdade se reduz à sua última e aparente indestrutível garantia, contudo perde toda a importância porque as consequências do seu exercício são compartilhadas por pessoas completamente inocentes.³⁵

Se sobrepujásemos para os problemas atuais, hoje, não é mais o público, revestido de Estado totalitário que visa a esfacular o que se entende por indivíduo, mas o privado que dita o que o público deve ser.³⁶ O que restou do público é um local onde impera uma ausência e qualquer um que queira falar qualquer coisa pode agir de uma forma isolada, dissociada. Essa população sem rosto é vista de forma positiva pelos agentes políticos, já que diminuído o seu trabalho, que antes precisavam atuar, incitar, instigar as pessoas. Acontece que essa multidão disforme, conduzindo-se de forma isolada e desconectada acaba por manter a ordem preestabelecida.

Como resposta, o autor coloca como remédio uma atuação verdadeiramente livre, numa reorientação da política nesse espaço privado-público, de forma a colocar em cena o “recurso interrompido do bem comum”.³⁷ Logo, as instituições devem dar vida ao bem comum, se enquadrando em um novo significado para ele.

3 Um novo horizonte

Ao vislumbrar democracia liberal, Bauman acredita que estaríamos diante de duas formas: a utópica e a real. Esta seria muita abaixo do que se entende por uma sociedade justa ou boa. Aquela tentaria manter um equilíbrio bastante complexo, pois almeja auferir a paz da sociedade, ao mesmo tempo em que visa garantir a livre escolha de seus cidadãos. E um dos instrumentos usados para garantir essa vigilância das liberdades individuais seria a sociedade civil,³⁸ padecendo de duas tipos patologias, a apatia política dos cidadãos e a inércia Estado, pois se sociedade civil, não se move, não se utiliza dos meios para responsabilizar o governo por nada e se esse não é fiscalizado fica descomprometido com os seus súditos.

Logo, a sociedade civil é acomodada, o homem individual é “modulado”³⁹ e a ligação universal que faz da tribo⁴⁰ o lugar onde se adquiriu o conhecimento do mundo e a consciência do por quê se está no mundo é algo de outra era. Logo, em sua epígrafe sobre a modernidade, Bauman diz que esta colocou um fim na tribo, de modo que foram observadas duas modalidades sociais, a nação e a república.

³² Op cit. p. 350.

³³ Op cit. p. 304.

³⁴ Op cit. p. 358.

³⁵ Op cit. p. 368.

³⁶ Ao resgatar a citação de Arendt de que “a passagem da sociedade – a ascensão da administração caseira, de suas atividades, seus problemas e recursos organizacionais – do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, a ponto de torná-los quase irreconhecíveis”, estabelece-se um paralelo, real e concreto, com a tendência de “publicizar” o privado enquanto consequência de uma privatização do público. Op cit. p. 47.

³⁷ “Para adaptar a ágora aos indivíduos livres, à sociedade livre é preciso interromper ao mesmo tempo sua privatização e despolíticação. É preciso restabelecer a tradução do privado para o público. É preciso retomar (na ágora e não apenas nos seminários de filosofia) o discurso interrompido do bem comum – que torna a liberdade individual tanto factível como digna de luta.” BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 113.

³⁸ “Em outras palavras, a sociedade civil torna segura a liberdade individual – na verdade, segura ao ponto de na vida cotidiana achar-se que está garantida e não ser mais notada, quanto mais colocada em questão”. Ibidem, p. 158.

³⁹ “Não pertencemos ‘inteiramente’ a nenhum dos grupos de que participamos; há partes das nossas pessoas moduladas que ‘sobressaem’ e não podem ser absorvidas nem acomodadas em nenhum grupo específico, mas que se conectam e interagem com outros módulos. Cada ato de autoqualificação está, portanto, sujeito a pressões contraditórias, centrípetas e centrífugas”. Ibidem, p. 163.

⁴⁰ “A encarnação mais perfeita da ideia de inclusão é a da tribo – forma de união que dominou a maior parte da história humana”. Ibidem, p. 164.

Tendo a república e a nação um relacionamento conturbado, apesar da sua convivência, a nação precisa de uma adesão diária e de uma operação coletiva de volta ao passado, enquanto que a república, na sua forma mais original, rompe seus laços com o antigo. Na visão do autor, o nacionalismo é visto como um 'bem em si mesmo' enquanto que a república é uma fábrica do bem comum, com seu olhar somente para futuro. Essa sempre busca por algo novo e a recusa do passado viciou o pensamento da república, pois a capacidade do indivíduo de julgar seria somente a alternativa a seguir, de modo que a liberdade individual e a liberdade de auferir o bem comum em vários pontos entravam em conflito.

O esforço pelo bem comum não seria garantia à autocrítica dos próprios indivíduos. Nesse ponto é que Bauman acredita que liberalismo e republicanismo se separam, pois enquanto o liberalismo suscita o apego ao individualismo, a república tenta formar um condão comunitário entre cidadãos, que com sua liberdade, tentam de forma vigilante, buscar o bem comum.

Os instrumentos utilizados pela República e com isso para a participação política do cidadão vêm saindo de cena, para ressurgir de novo o Nacionalismo ao qual ter liberdade é ser leal ao país. O motivo para tal decaída ocorre porque os Estados não conseguem mais promover estabilidade nem o bem-estar dos cidadãos, delegando ao setor privado o poder de decidir.⁴¹

A causa para esse desmantelamento estrutural e institucional que a sociedade tem sofrido é chamado por Bauman de “economia política da incerteza”. Que em suas palavras significa: “o conjunto de regras para pôr fim a todas as regras imposto pelos poderes financeiros, capitalista e comercial extraterritoriais sobre as autoridades políticas locais”.⁴²

Ocorre que apesar desse grande panorama dado pelo autor polonês sobre as agruras que sofre a política na sociedade contemporânea, parece que seu pano de fundo é sempre o mesmo, “a luta pelo capital”. Colocar como grande inimigo do mundo o mercado com suas forças invisíveis e tentar sublevar a população parece no mínimo panfletário e nada inovador, nada diferente do que Marx já tinha feito com o “Manifesto Comunista”.⁴³ Logo, por mais que tenha se achado perspicaz a análise da crise existencial que tem abalado a sociedade, a ânsia consumista que ela acarreta e a falta de senso comunitário que tem afetado a política, colocar como *persona non grata* o mercado financeiro parece retirar o peso da culpa dos cidadãos a ponto de deixá-los mais confortáveis. Não que se queira defender o livre mercado, mas derramar todas as mazelas sofridas da sociedade contemporânea a ele parece justificar a apatia e a responsabilidade do cidadão, figura essa que tem o poder de legitimar, agir e se voltar contra os seus governos.

Como soluções, o mencionado autor coloca alguns argumentos concretos, dentre eles a busca da renda mínima. Mas apesar de defender esse ponto, concorda com a crítica feita por Trevor Hogan,⁴⁴ pois nada adiantaria, se o Estado só aumentasse o potencial de consumo dos cidadãos que estão fora do mercado, os tornando somente reprodutores do consumo, ou seja, se somente produzisse novos consumidores.⁴⁵ Devendo haver, entretanto, uma orientação de modo a levar em conta a reciprocidade, no sentido das trocas de mercadorias, pois se daria mais valor ao trabalho ofertado em si. Como tal tarefa seria demasiadamente árdua, a forma mais modesta disso, realmente é deixar de ser uma questão de sobrevivência para depois se entrar na questão da deliberação pública, e isso só se fará quando se alcançar a renda básica.

Outra forma de elevação da política seria a universalização, essa diferente da globalização, está dimensionada no que precisamos e devemos fazer. A universalização pode trazer outro benefício que é o de se alinhar à identidade coletiva, confrontando as ondas de xenofobismo e ódio ao estrangeiro. Entretanto, segundo a visão de Bauman, o comunitarismo é um desfecho errado para a questão, pois pode não resolver a insegurança devido a seus traços locais ou de território. Aqui pode se fazer uma grave crítica ao autor,

⁴¹ “A nação já não parece mais seguramente estabelecida, seu futuro não parece mais garantido e a salvo – e, portanto, o fracasso da república se anuncia em tempos de um ressurgente, vigoroso, violento e desenfreado nacionalismo. (...) A globalização do capital, das finanças e da informação significa antes e acima de tudo sua fuga ao controle e administração locais e, principalmente, do Estado-nação”. BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 172.

⁴² *Ibidem*, p. 175-176.

⁴³ Essa obra reflete a visão crítica de Marx e Engels sobre o capitalismo, a luta e a necessidade da união dos proletários contra a burguesia. Publicada em 1847, constitui-se num importante documento que delineava em seus pontos essenciais as bases econômicas e a luta de classe como o motor da história. Segundo seus autores, para surgir uma sociedade sem classe e sem exploração, esta só seria possível através da união dos proletários. Este documento histórico é um ponto de convergência de várias tendências políticas e ideológicas, baseava em muitas lutas proletárias e que viria influenciar gerações posteriores do movimento operário e as posteriores lutas de libertação do homem pelos seus direitos. <http://pedagogiaopedaleta.com/resenha-manifesto-comunista/>. Acesso em: 20/08/2015.

⁴⁴ HOGAN, Trevors. “Dead Indians, flawed consumers and snowballs in hell, e Geoff Sharp, “After the poor: a future with the past”, **Arena Journal**, 10/98.

⁴⁵ “ (...) a corrida ao consumo não deve parar, de modo que haverá sempre novos pobres e despossuídos, sempre mais “consumidores falhados”. Para interromper a corrida é preciso mais do que oferecer a todos a chance de participar dela”. Mas apesar dessa análise, Hogan fala que se coloque em pauta uns limites a esses desejos desenfreados. Bauman *apud* Hogan. p. 189.

pois o mesmo, quando se opõe ao comunitarismo e propõe um tecido coletivo, retira qualquer vinculação que o indivíduo pode ter, logo, um sujeito sem raízes, descontextualizado e descaracterizado de uma unidade histórica padece de uma identidade, apartando-se de sujeito e conjunto ao mesmo tempo.⁴⁶ Esse laço coletivo que Bauman tanto almeja, rompendo com uma história anterior, permanecerá na sua própria fonte de crítica, sem ter força o suficiente para romper com os paradigmas e prover uma nova mudança.

Retomando a defesa do universalismo, o autor polonês abriria as portas para o diálogo, a fim de auferir um entendimento mútuo, a ponto de se viabilizar várias formas e meios de saber como se prosseguir. Logo, com sua releitura de Marx e do seu ideal republicano, Bauman vê a perspectiva da reforma política necessária a partir da inclusão da noção de bem comum, o salário básico e a universalização como chaves para sua nova reforma.

Considerações finais

Neste breve artigo procurou-se verificar as ligações entre a argumentação de Bauman e de Arendt, no intuito de percorrer o caminho que os dois autores fizeram através da liberdade, na tentativa de se vislumbrar as agruras que têm sofrido a política, com o desenvolvimento da sociedade e de seus meios de consumo.

Cada um desses autores procurou, dentro do seu tempo, descrever a política e a sociedade, conforme as conjunturas sociais que se desenhavam, nos mais de quarenta anos que separam as obras desses dois ilustres pensadores.

A obra política de Arendt abandona os conceitos de política criados na modernidade e destaca que a política exige ação e discurso realizados entre homens, em relação aos interesses que lhes são comuns à política, ligados à condição humana da pluralidade. Reconhece que no decorrer da história da humanidade poucas foram as experiências em que os homens procuraram resolver as questões da coletividade a partir da ação política, verificando que nessas experiências o sentido da ação política era a liberdade.

Apesar dos pontos de divergência, Bauman também vislumbra que uma das saídas da patologia política que tem afetado a sociedade contemporânea é através do fortalecimento do tecido coletivo. Porém, em sua análise verifica que o problema da crise existencial sempre bate à porta da humanidade com diferentes respostas dadas em razão da época. Atualmente, o individualismo com sua ânsia consumista suscitada pelo tripé insegurança, incerteza e falta de garantias, foram fomentados por uma estrutura de mercado que se beneficiaria com essa apatia do cidadão. A antiga tarefa da sociedade civil de fiscalização não mais se verifica, e os governantes continuam com a reprodução de estarem deparados com cenários sombrios, onde impera a falta de opção em defesa do livre mercado. Essa constante instabilidade possibilita a manutenção de uma ideologia de mercado, permanecendo um *status quo* segundo ditames econômicos.

Como solução, Bauman diz que através da ágora, vista como um diálogo entre as esferas pública e privada, tendo em vista perspectiva de um bem comum sustentado pela solidariedade, unidos pela universalização, esse ideal em comum necessita de uma esperança, dessa perspectiva de se fazer “algo novo e melhor”, sempre em ação, tendendo a alguma mudança/melhoria. Mas para que essa universalização seja efetiva, para que todos os cidadãos possam entrar no engajamento da seara política existe uma proposta concreta, que tem que ser levada em conta *a priori*, que seria a renda básica.

Mas a análise do autor polonês sobre as vicissitudes que afetam a sociedade contemporânea parece recair em um mesmo e antigo pano de fundo, as mazelas que o capitalismo tem gerado para a sociedade. Parece no mínimo infantil mostrar esse sistema econômico/político/ideológico como grande monstro da humanidade e não tentar responder a ele de uma forma mais concreta. Quando se fala em concretude e operacionalidade não significa colocar simplesmente renda básica a todos da população. Existem passos menores que podem ser vislumbrados como propostas políticas, que perpassam questões de relacionamento e identidade cultural muito mais interessante do que uma tentativa de cenário ótimo, na terra do ideal. Parece que o panorama que Bauman coloca tenta abraçar tudo e recai no erro de não conseguir viabilizar nada por isso. Colocar como grande inimigo do mundo o mercado com suas forças invisíveis é somente panfletário e nada inovador. Ademais, suas críticas às comunidades parecem descontextualizar a

⁴⁶ Nota-se que teóricos como Alasdair MacIntyre e Charles Taylor, filósofos comunitaristas parecem desencadear melhor seu raciocínio crítico sobre o liberalismo e a solução através das comunidades de forma mais coesa do que Bauman. Para maiores aprofundamentos: MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue – a Study in Moral Theory*. 2. ed. London: Duckworth, 1985; TAYLOR, Charles. *As fontes do Selfie – a construção da identidade moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

importância do que é para um membro de uma comunidade do que é fazer parte, no sentido integrador para sua vida.

Logo, apesar das críticas, não se nega a importância de sua obra e de suas críticas à apatia política observada na sociedade contemporânea, além da crise existencial verificada. Todos esses aspectos devem ser levados em conta de uma forma profunda e não superficial, pois remete ao enfoque da vida do indivíduo, não somente ao seu íntimo ou a sua *psique*,⁴⁷ mas também as suas ações (ou abstenções) políticas.

Referências

ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O que é política**. Trad. Reinaldo Guarany 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Bibliografia Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/arendt.htm>. Acesso em: 20/08/2015.

BAUMAN, Zygmund. **Em busca da política**. Trad Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Bibliografia disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bauman.htm>. Acesso em: 24/08/2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

DORSH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HOGAN, Trevors. “Dead Indians, flawed consumers and snowballs in hell, e Geoff Sharp, “After the poor: a future with the past”, **Arena Journal**, 10/98.

JOBS, Steve. **Entrevista a Businessweek**. Disponível em: <http://www.businessweek.com/1998/21/b3579165.htm>. Acesso em: 20/08/2015.

MACINTYRE, Alasdair. **After Virtue – a Study in Moral Theory**. 2. ed. London: Duckworth, 1985.

PHILIP, Neil. **Volta ao mundo em 52 histórias**. Trad. Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

RESENHA: Manifesto Comunista. Publicado em Educação, Sociologia por Pedagogia ao Pé da Letra, no dia 3 de maio de 2013. <http://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-manifesto-comunista/>. Acesso em: 20/08/2015.

⁴⁷ Abrangendo as ideias modernas de 'selfie' ou 'si mesmo', também podendo ser consideradas alma, ego e mente. DORSH, Friedrich. **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SABADELL, Ana Lucia. **Cadernos de Direito**: Direito no Brasil: passado e presente. Vol. 2, nº4, 2003, ISSN 1676-529-X. Reflexões sobre a metodologia na História do Direito.

TAYLOR, Charles. **As fontes do Selfie** – a construção da identidade moderna. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

Recebido em 02/10/2015
Aprovado em 18/04/2016